

A ESCRITA ACADÊMICA ENDEREÇADA: REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DO LEITOR NO DIZER DO PESQUISADOR

ADDRESSED ACADEMIC WRITING: REFLECTIONS ON THE READER'S PRESENCE IN THE RESEARCHER'S SAYING

LA ESCRITURA ACADÉMICA ENDEREZADA: REFLEXIONES SOBRE LA PRESENCIA DEL LECTOR EN LA DECLARACIÓN DEL INVESTIGADOR

Katia Cilene Ferreira França (UFMA)
katiacfranca@yahoo.com.br

Resumo

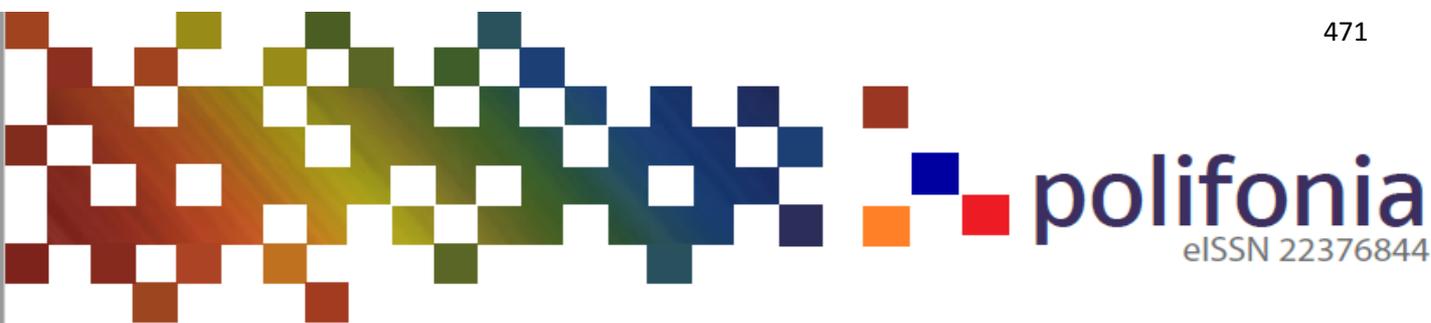
Neste artigo, realizamos uma parada reflexiva sobre a relação dialógica entre o sujeito e seus interlocutores, impressa na escrita acadêmica. Partindo do pressuposto de que todo enunciado é produzido levando em conta a compreensão responsiva do sujeito sobre a situação enunciativa e sobre seus destinatários, delimitamos como objetivo deste artigo desvelar as negociações de sentido entre o pesquisador e seus interlocutores na escrita acadêmica de pesquisadores em formação. Os objetos de análise são duas teses de doutorado, que tratam sobre o ensino da produção de texto na sala de aula, coletadas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O caminho metodológico seguido consiste em observar, nessas teses, as negociações que mostram a escrita endereçada a leitores, enquanto representantes de grupos sociais, com os quais o pesquisador interage na produção de sua investigação científica. As análises permitiram verificar diferentes níveis de alteridade e como o sujeito responde a interlocutores de diferentes esferas comunicativas.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Interlocutor pressuposto; Negociações de sentido

Abstract

In this article, we made a reflective pause on the dialogical relationship between the subject and his interlocutors, printed in academic writing. Based on the assumption that every statement is produced taking into account the subject's responsive understanding of the enunciative situation and its recipients, we set out as the objective of this article to unveil the meaning negotiations between the researcher and his interlocutors in the academic writing of researchers in training. The objects of analysis are two doctoral dissertations, which deal with the teaching of text production in the classroom, collected at the Bank of Theses and Dissertations of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). The methodological path followed consists of observing, in these dissertations, the negotiations that show the writing addressed to readers, as representatives of social groups, with whom the researcher interacts in the production of his scientific investigation. The analyzes allowed to verify different levels of otherness and how the subject responds to interlocutors from different communicative spheres.

Keywords: Academic writing; Presupposed interlocutor; Meaning negotiations



Resumen

En este artículo, realizamos una parada reflexiva sobre la relación dialógica entre el sujeto y sus interlocutores, marcada en la escrita académica. Partiendo del presupuesto de que todo enunciado es producido llevando en cuenta la comprensión responsiva del sujeto sobre la situación enunciativa y sobre sus destinatarios, delimitamos como objetivo de este artículo desvelar las negociaciones de sentido entre el investigador y sus interlocutores en la escritura académica de investigadores en formación. Los objetos de análisis son dos tesis de doctorado, que tratan sobre la enseñanza de la producción de texto en la clase, recopiladas en el Banco de Tesis y Disertaciones de la Coordinación de Mejoramiento del Personal de Educación Superior (CAPES). El camino metodológico seguido consiste en observar, en estas tesis, las negociaciones que muestran la escritura dirigida a los lectores, como representantes de grupos sociales, con quienes el investigador interactúa en la producción de su investigación científica. Los análisis permitieron verificar diferentes niveles de alteridad y cómo el sujeto responde a interlocutores de distintas esferas comunicativas.

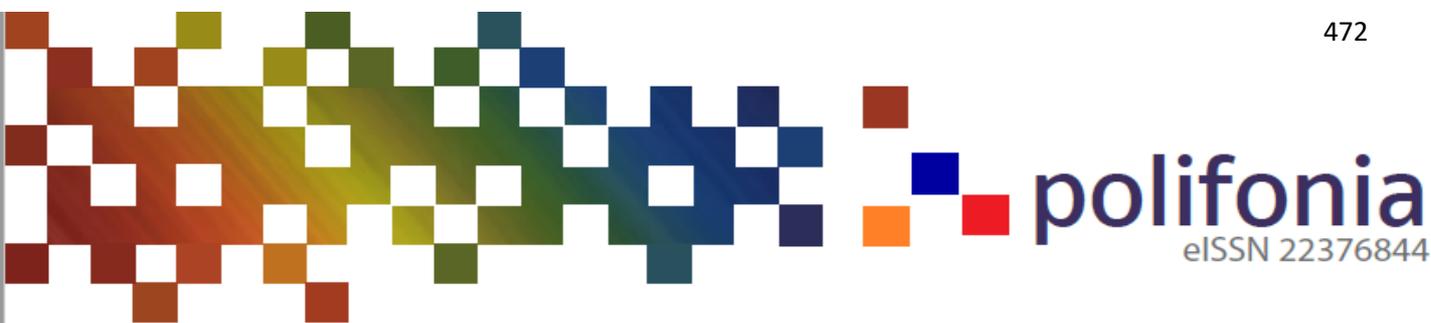
Palabras clave: Escritura académica, interlocutor presupuesto, negociaciones de sentido.

Introdução

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. (VOLOCHIVOV, 2017, p.205)

Neste trabalho, temos com intenção discutir o movimento discursivo de orientação da palavra, enquanto ato bilateral, que deixa à mostra o diálogo com interlocutores, na escrita acadêmica. A concepção bakhtiniana, que nos oferece elementos para esta discussão, contrapõe-se à ideia de que locutor e destinatário assumem posições dicotômicas, e defende o pensamento de que o outro é constitutivo de todo dizer. Bakhtin (2003), argumenta a favor de que cada enunciado é elaborado como uma reação-resposta, como uma réplica antecipada fundamentada na relação de alteridade com o destinatário presumido/pressuposto. Cada enunciado é um ato endereçado, que responde a determinadas condições de produção.

Ao enunciar os sujeitos levam em conta regras de funcionamento que organizam as distintas esferas de comunicação, a situação comunicativa, na qual se encontram. Esse exterior constitui, desde o início, as palavras interiores do sujeito falante, iluminando suas escolhas linguístico-estilísticas didaticamente mais adequadas para convencer o interlocutor, suscitar um posicionamento crítico, fomentar réplicas e a continuidade do diálogo. Assim, cada enunciado produzido e exposto pela materialidade da escrita deve ser visto como um ato no sentido ativo e durativo de um sujeito situado, que ao



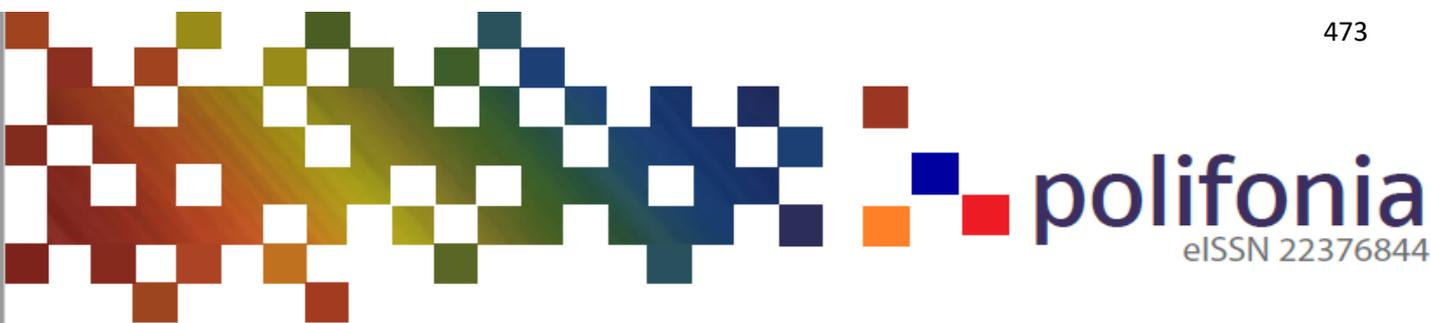
exteriorizar seu dizer responde a alguém ou a alguma coisa, ao mesmo tempo que assume responsabilidade e negocia sentidos.

Discutir sobre escrita acadêmica, nessa perspectiva, requer olhar para enunciados elaborados segundo as regras da cultura acadêmica. Tratar sobre a natureza responsiva e responsável desses enunciados consiste entender que essa escrita materializa e socializa uma atividade de pesquisa, na qual o discurso outro tem papel fundamental. Nesses enunciados, a palavra alheia é citada e forma uma trilha sobre a linha de pensamento do pesquisador, expõe o diálogo com discursos outros.

Essa trilha não se limita à citação marcada de autores, ela envolve as negociações de sentido feitas pelo pesquisador considerando o alvo interlocutivo, ou seja, o possível destinatário, que fundamenta a réplica antecipada e faz do enunciado um ato de resposta. Essas negociações são observáveis a partir de operações linguístico-discursivas impressas na escrita de uma pesquisa, buscando responder adequadamente à cultura acadêmica, à ordem do discurso científico. Nessa arriscada ordem do discurso (FOUCAULT, 2007), está o desejo de afastar incompreensões e recusas, de receber do interlocutor respostas alinhadas com as expectativas daquele que se aventura, no terreno da pesquisa científica.

Considerando a especificidade da tese de doutorado, enquanto enunciado preñado de respostas, elaborados por pesquisadores em formação empenhados em evitar recusas, convencer o leitor, influir continuadores, a discussão que aqui propomos converge para questões: Como o pesquisador dialoga com o leitor na escrita acadêmica? Quais operações linguístico discursivas mostram a escrita endereçada? O objetivo deste trabalho é desvelar as negociações de sentido, realizadas pelo pesquisador, que deixam o interlocutor pressuposto à mostra na escrita de teses de doutorado.

Procuramos respostas a essas questões a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin. Tomamos como referência central Volochinov (2017), Bakhtin (2003), segundo os quais o outro é constitutivo de todo dizer e as formas linguísticas não equivalem a um sinal constante, mas um signo mutável e flexível. Os enunciados são atos vivos de comunicação entre pessoas que se respondem mutuamente e, ao responder, recuperam já-ditos e projetam possibilidades de novos diálogos.



Para a discussão que propomos sobre a escrita endereçada, delimitados como objeto de análise duas teses de doutorado, coletadas no banco *on line* de tese da CAPES. São teses que têm como objeto o ensino de língua portuguesa, produzidas em diferentes Programas de Pós-graduação em Letras, e que seguem distintas linhas de pensamento teórico: uma coloca-se como filiada à Teoria da Enunciação de Benveniste; outra situa-se no diálogo com Sociolinguística Educacional. Levantamos, nesses trabalhos, operações linguístico-discursivas que, segundo França (2018) mostram as negociações com o interlocutor na escrita acadêmica.

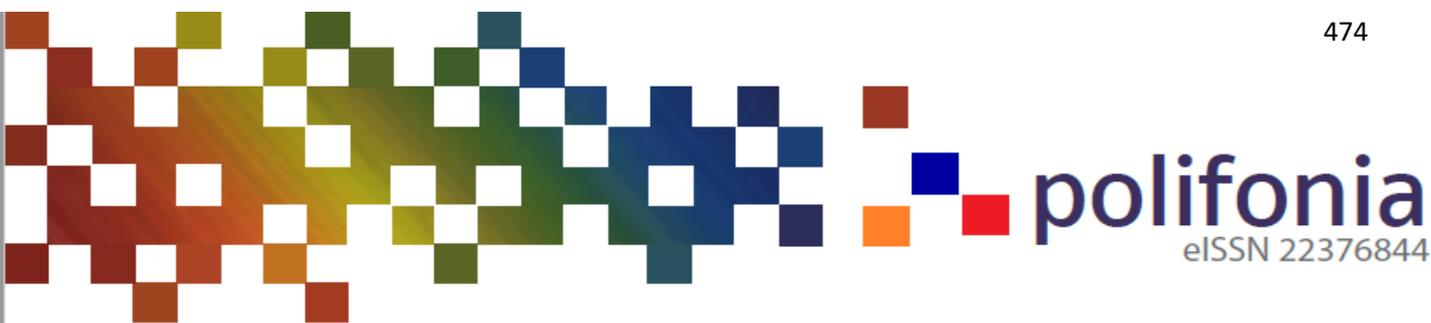
É importante dizer que as reflexões que trazemos aqui sobre o discurso outro, sobre a escuta de vozes na escrita do pesquisador fazem parte de um esforço maior, especificamente uma tese de doutorado voltada para a investigação sobre como o dialogismo engendra a filiação teórica na escrita acadêmica.

1. Os discursos outros na escrita de uma pesquisa

A relação com o sentido é sempre dialógica. A própria compreensão já é dialógica. (BAKHTIN, 2003, p.327)

A concepção bakhtiniana para os estudos sobre os fenômenos da linguagem constrói-se como contraponto à ideia de língua como um sistema de formas normativas e idênticas, depositado nos indivíduos, que constroem suas falas enquanto manifestações da própria vontade, nas quais nada existe de coletivo (SAUSSURE, 2006). O contraponto está na defesa de que o sistema é resultado da reflexão sobre a língua, enquanto fenômeno da interação verbal, cujo centro organizador não está no interior do indivíduo, senhor de seu dizer, mas no exterior, no meio social do qual esse falante faz parte.

Segundo Volochinov (2017), as leis de formação da língua são sociológicas em sua essência. Os signos são um terreno interindividual, no qual o outro está sempre presente, as palavras são uma arena de lutas sociais, que vão sendo compreendidas a partir da imersão do sujeito no fluxo da comunicação verbal impregnado de conteúdo ideológico. Nesse processo de interação, a relação do sujeito com o outro é sempre dialógica, os interlocutores não ocupam posições dicotômicas, mas de interação



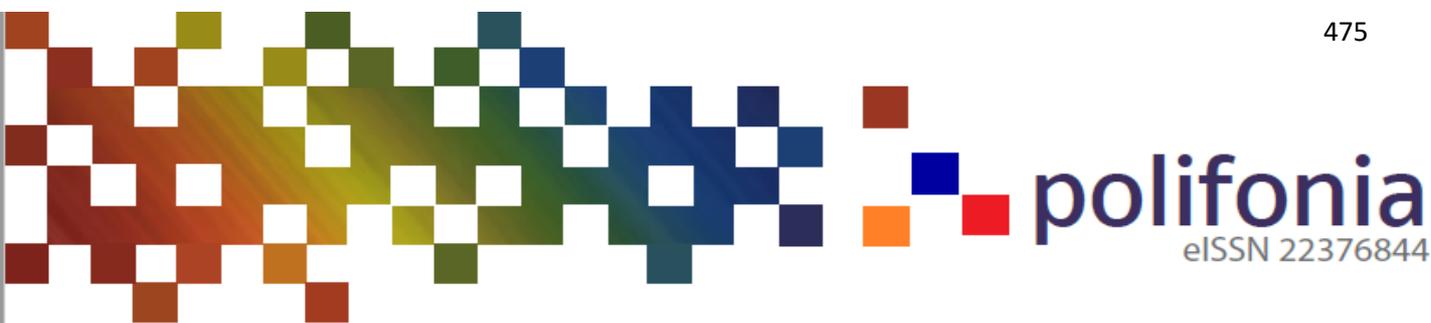
responsiva, de comunicação discursiva. Cada enunciado, falado ou escrito, é um diálogo aberto e vivo orientado para uma percepção ativa de quem fala, de quem ouve, de quem escreve, de quem lê.

Enunciados, falados ou escritos, caracterizam-se por uma dupla orientação pois tanto procedem de alguém quanto se dirigem a alguém. Como destaca Volochinov (2017), até mesmo monumentos continuam os discursos de seus antecessores, polemizam, visam a uma compreensão ativa e responsiva da esfera ideológica da qual participam. Na concepção bakhtiniana, a compreensão é dialógica, é a resposta a um signo a partir de outros signos e a fase inicial e preparatória para uma resposta não apenas a seu interlocutor direto, mas para outros já-ditos carregados de valores simbólicos.

Pão e vinho, em uma padaria, não têm o mesmo valor em uma celebração católica, a compreensão desses sentidos extrapola a atividade de reconhecimento das formas linguísticas e da existência física do pão e do vinho, solicita do interlocutor uma interpretação situada. A citação direta ou indireta, identificada como enunciado que representa a voz da ciência, pode circular em redes sociais como legenda de uma imagem, ou como referência teórica em uma pesquisa científica, esse mesmo enunciado ao mudar de esfera comunicativa, ganha matizes diferentes. Nas redes sociais, o volume e diversidade de leitores gera muitas respostas imprevisíveis e outras incompreensíveis; na escrita acadêmica a palavra alheia citada segue um ritual de preservação de sentidos que atende à tradição da cultura acadêmica.

O discurso científico é marcado por forte codificação e alto investimento de tempo para aprendizagem de suas regras, como diz Auroux (2008, p.130), ele “não é acessível a todos”. Compreender essas regras é fundamental para as negociações de sentido do sujeito, que se empenha em fazer sua voz ser ouvida e, no caso da escrita acadêmica, reconhecida como a voz de quem conhece as regras da cultura acadêmica e é capaz de contribuir com sua continuidade.

Essa contribuição está em fazer ressoar teorias científicas, conceitos, categorias de análise e em propor novos sentidos, ou seja, produzir enunciados que possam ser compreendidos e aceitos por aqueles que representam, o que Auroux (2008) nomeia de sistema científico, marcado por distintas e conflitantes comunidades de conhecimento,



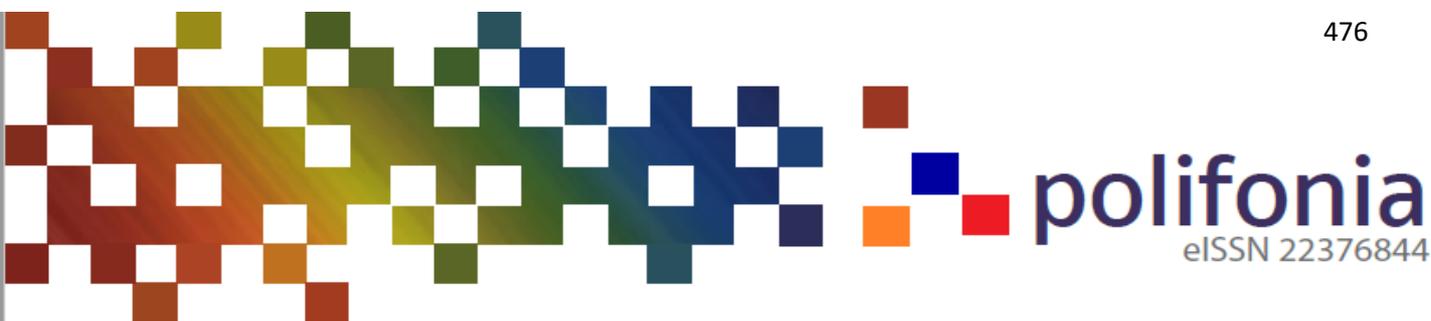
que têm como função social geral validar e legitimar pesquisas, pois não há ciência sem exterior. O exterior contempla a tensão com destinatários reais da instituição acadêmica ou editorial, os enunciados aos quais o produtor da pesquisa busca responder e aqueles aos quais ele escolhe não responder.

Nesse jogo de respostas, explica Bakhtin (2003), entra em cena um terceiro: o supradestinatário, uma instância criadora que atua dando consciência e vigiando a produção dos enunciados e ocupa posição superior ao falante e ouvinte, autor e leitor. O terceiro não é algo místico nem objetivamente definido, mas um conjunto de valores que se mostra de modos distintos em diferentes espaços de tempos e concepções de mundo, esse “supradestinatário e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana, o povo, o julgamento da história etc)” (BAKHTIN, 2003, p.333).

A instituição, como supradestinatário na escrita acadêmica, vigia as produções a partir de seus próprios membros, daqueles que aprenderam os modos de dizer não apenas pela obediência ao uso de aspas, parênteses e outros elementos formais, mas também pela compreensão de que, em enunciados científicos, as palavras circulam como conceitos teóricos, elaborados com rigor e identificados por nomes próprios. Conceitos não são verbetes dicionarizados, estes são apresentados como uma espécie de consenso coletivo sobre as significações; aqueles estão ligados ao nome de um pesquisador como fundador de sentido e a um grupo de pesquisadores que trabalham na aplicação e atualização dos conceitos.

Nesse processo, citar a palavra alheia associada a um nome tem função classificativa, o conceito é um dado a partir do qual aquele que cita deve criar, apresentar novidades, enquanto tentativa de dizer o verdadeiro na cultura acadêmica. Uma busca que se funda na relação de alteridade, como diz Amorim (2004, p.127), na relação do pesquisador e seu outro, que ao escrever um texto científico coloca à mostra o engendramento de um verdadeiro sistema de alteridades, as “diferentes maneiras de fazer falar a voz do outro.”

A relação entre a voz do pesquisador e os discursos outros é complexa e ampla, motiva muitos estudos e respostas. Pode-se estudar essa relação sob vários pontos de



vista. O lugar que nos situamos para olhar a escrita acadêmica é a parada reflexiva sobre o modo como o leitor fala nessa escrita. O leitor que não é alguém capaz tomar a palavra e enunciar como locutor, num movimento reversível entre *eu* e *tu*, mas como desdobramento, um interlocutor pressuposto. O outro se faz sempre presente de diferentes maneiras e pode ser sempre verificado a partir da materialidade da língua, nem mesmo o superdestinatário escapa.

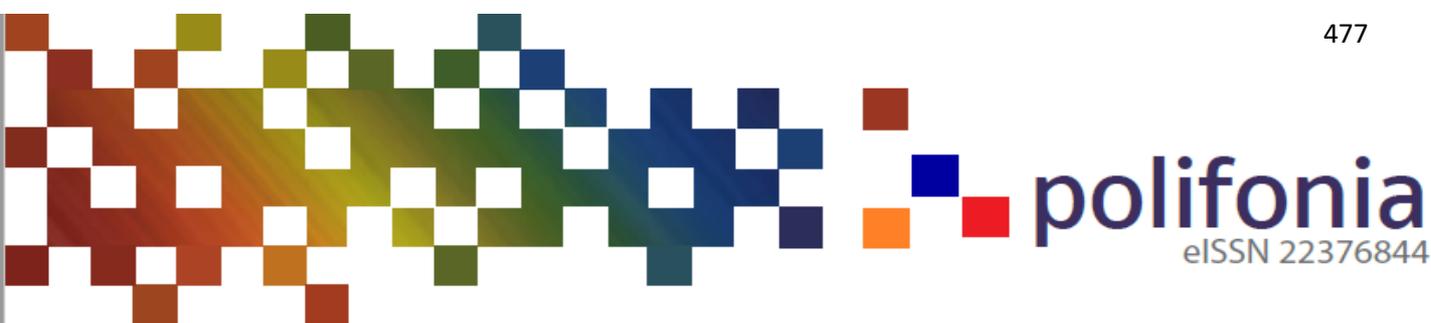
Verificar e analisar a presença do outro na escrita acadêmica é algo possível porque, como defende a concepção bakhtiniana, a natureza dos enunciados é social, as formas de transmissão da palavra alheia mostram não apenas conteúdo temático, mas a reação ativa de uma enunciação na outra, mostram como o discurso de outrem entra no dizer do sujeito e a ele se integra.

2. Nas palavras do pesquisador há uma pluralidade de interlocutores

“A palavra é território comum do locutor e do interlocutor”
(VOLOCHINOV, 2017. p.205)

A palavra de qualquer locutor não tem o valor da palavra de Adão, enquanto o homem mítico da origem do mundo. O locutor nunca está sozinho, assim como seu interlocutor não é um destinatário isolado, entre os dois há traços que lhes permitem compreender e responder, enunciar como sujeitos que elaboram enunciados contextualizados e marcados pela originalidade. Este último traço envolve a criatividade dos interlocutores e ainda o fato de que o espaço-tempo, as condições objetivas em que os enunciados são produzidos são irrepetíveis, logo cada dizer é único, é o resultado de articulações do locutor em busca da palavra própria.

Por outro lado, o enunciado responde às regras da esfera em que é produzido, logo a originalidade não anula a regularidade. A complexidade dessa articulação, na escrita de uma pesquisa, está em compreender a palavra do outro e transformá-la em minha-alheia, pois essa palavra alheia diz mais, é maior do que a palavra do locutor que busca a validade de seu dizer no espaço acadêmico. A busca do locutor pela própria palavra, diz Bakhtin (2003), é indissociável do gênero do discurso, ou seja, de tipos de enunciados relativamente estáveis, constituídos indissolivelmente por conteúdo temático, estilo,

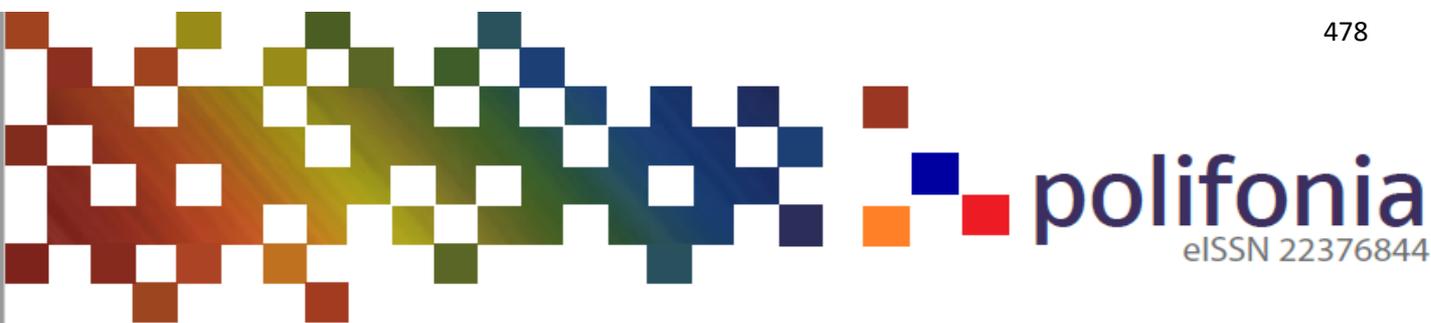


construção composicional, determinados pelas características própria da esfera comunicativa, em que acontecem.

O fato de guardarem regularidades em sua formação não representa organizá-los em uma lista limitada, ao contrário, os gêneros são inesgotáveis. Envolvem a conversa cotidiana, o sermão religioso, o bilhete, os artigos científicos, ou seja, práticas orais e escritas diferentes, com traços de instabilidade que lhes imprimem complexidade ao mesmo tempo que permitem diversidade e novidade. Nesse sentido, é possível ler um romance e encontrar nele tons que se assemelham a uma discussão entre falantes ou ouvir uma palestra, na qual o tom do falante se aproxima ao de alguém que escreve um artigo científico.

A tese de doutorado, enquanto gênero próprio da esfera acadêmica, é elaborada por um sujeito que faz um grande investimento de tempo para aprender a lidar com o discurso outro no campo científico. O pesquisador lança mão de várias estratégias para convencer seus interlocutores como: distribuição e organização das informações, gestão dos já-ditos que representam a voz da ciência, definição de percursos metodológicos e análise problematizadora sobre fenômenos naturalizados. Os autores citados falam sobre a construção do objeto de estudo assim como sobre os interlocutores a quem esse sujeito responde: aqueles diretos e próximos, como é o caso do professor-orientador institucional; aqueles presentes a partir das leituras realizadas pelo pesquisador em processo institucional de formação; aqueles que representam a coletividade diferenciada de especialistas do campo científico; aqueles ligados à cultura acadêmica por diferentes níveis de diálogo.

O fato de que a tese é produzida por um pesquisador em formação e que busca aprovação de seu trabalho, é uma característica desse gênero que precisa ser explorada quando se trata de analisar os diálogos com o interlocutor. O ritual de produção de uma tese culmina em uma defesa para uma banca de especialistas, ou seja, a defesa é para o outro, para leitores que avaliam se a escrita representa ou não a produção de conhecimento científico. Defender é fazer negociações previsíveis e operações de astúcia, que expõem a relação entre ordem e capacidade inventiva do pesquisador. As astúcias são aceitas porque o discurso científico precisa da inovação para se fortalecer e conseguir efetivá-

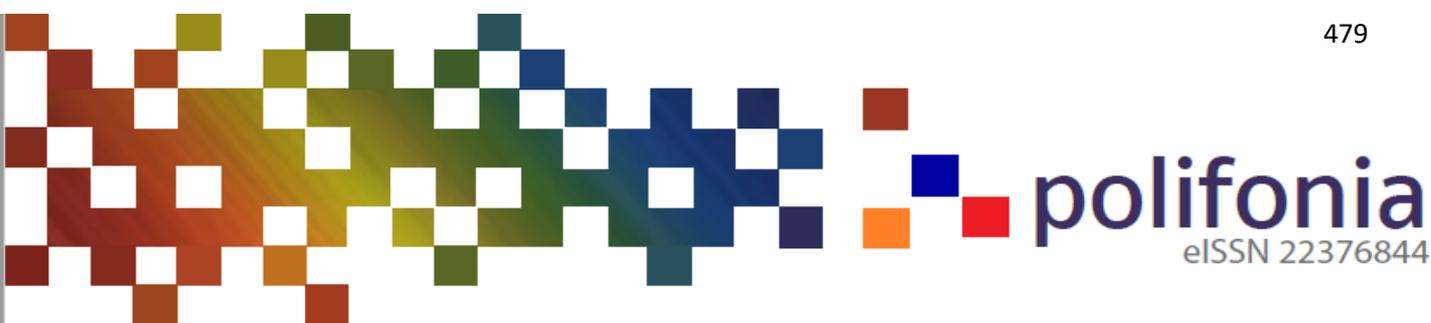


las, demanda do pesquisador o domínio das regras de funcionamento da cultura acadêmica. O nível de apropriação permite inclusive encontrar brechas, realizar diferentes maneiras de fazer e ser reconhecido por seus leitores como pesquisador criativo, capaz de promover novidades científicas e fortalecer a continuidade da cultura acadêmica.

Considerando a proposta de Volochinov (2017, 247), segundo a qual é preciso elaborar problematizações renovadas sobre o discurso outro, a partir de uma perspectiva sociológica na linguística, nos propomos a fazer a escuta atenta das teses a fim de desvelar a voz do interlocutor a partir das operações linguístico-discursivas realizadas na escrita acadêmica. Para a reflexão que propomos, delimitamos duas teses no portal virtual de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ligadas a diferentes programas de Pós-Graduação, mas que tratam de questões relacionadas ao ensino de língua portuguesa.

Sobre os critérios que elegemos para delimitar esses trabalhos estão: a ampla circulação, a emergência da pesquisa relacionada às experiências dos autores da investigação no que se refere ao ensino, a proximidade temporal entre as teses. Esses critérios foram aplicados, pois partimos do pressuposto de que as pesquisas são discursos sócio-historicamente situados. O período em que tais teses foram produzidas caracteriza-se como um tempo de debates e investigações fomentadas por mudanças educacionais em todos os níveis de ensino.

Os trabalhos em análise serão identificados como tese de PF(X) e tese de PF(Y) em referência ao fato de serem investigações desenvolvidas por Pesquisadores em Formação. PF(X) tem como proposta elaborar um percurso teórico-metodológico para a análise do ensino da escrita de graduandos, fundamentada na Teoria da Enunciação e nos estudos da Linguística Aplicada ao Ensino. PF(Y) estuda a alfabetização de adultos e idosos, a partir das estratégias de ensino desenvolvidas pelo professor alfabetizador, fundamenta-se na Sociolinguística Educacional. As duas teses contam na introdução de seus trabalhos a história do nascimento da pesquisa, um relato que envolve teoria e empiria.



Fizemos a opção por identificar os trabalhos como PF e ocultar a identificação dos autores, pois o que nos importa é debater sobre as negociações que não são exclusivas de uma tese, mas um movimento presentes na escrita de uma pesquisa.

3. As negociações impressas, os leitores à mostra

os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos etc), neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com auxílio do outro. (BAKHTIN, 2003, p.394)

Na concepção bakhtiniana, o locutor sempre leva em conta o fundo aperceptível do outro ao qual se dirige, realiza uma parada reflexiva sobre o que considera ser o nível de conhecimento, as concepções, as convicções, as simpatias e antipatias do interlocutor, ou seja, no enunciado externado pelo locutor são antecipadas possíveis respostas do destinatário, reações que mostram a importância e a influência do outro nos enunciados do eu, que olha para fora e busca ser compreendido por aquele que lhe dá acabamento. As adequações ao fundo aperceptível são feitas a partir de negociações de sentido que ficam impressas e permitem elencar, segundo França (2018), categorias de análise sobre a voz do interlocutor na escrita acadêmica.

Nas teses de PF(X) e PF(Y), uma série de operações linguístico-discursivas nos permitiram observar as negociações que indiciam a simulação de conversas com o interlocutor a partir da autobiografia, de recomendações aos leitores, de ajustes de sentido, de perguntas que buscam respostas e perguntas acompanhadas de respostas.

a) autobiografia

Os recortes a seguir representam um movimento regular nas teses analisadas: a exposição da trajetória profissional e acadêmica do pesquisador. Essa apresentação extrapola as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) no que se refere à identificação nominal e institucional do autor do trabalho na folha de rosto e contracapa, trata-se da escrita das posições ocupadas pelo sujeito que pesquisa em diálogo com diferentes esferas de comunicação.



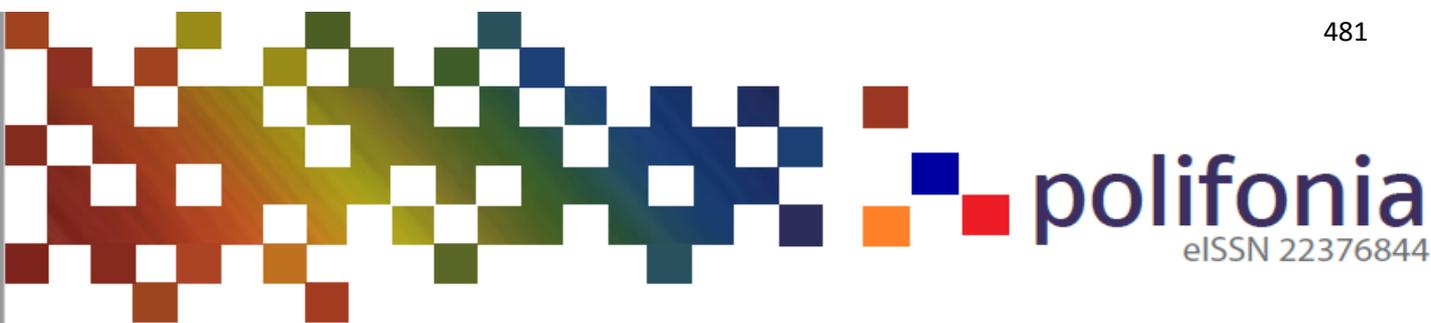
Quadro 1 - Recortes da tese de PF(Y): autobiografia

Recortes (1) – PF(Y)
(...) sou Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (p.27)
Atuo no programa [Programa de Alfabetização e Linguagem da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores] como formadora de professores tutores, e estes por sua vez, têm o compromisso de serem formadores dos professores de suas respectivas secretarias (p.27)
(...) Concluí o Mestrado em Educação (...) investiguei as contribuições da Sociolinguística para alfabetização de crianças, podendo constatar que, de fato, essa área da Ciência da Linguagem traz acréscimos relevantes à formação dos professores alfabetizadores. (p.28)
Atualmente, sou docente do ensino superior no curso de Pedagogia (p.28)

Fonte: Elaborada pela autora

O conjunto de recortes da tese de PF(Y) traz a apresentação do locutor, enquanto: professora da Educação Básica, formadora de tutores em programas nacionais de alfabetização, pesquisadora sobre questões de alfabetização a partir da Sociolinguística, docente em cursos de formação inicial de professores. O relato da trajetória pessoal não é só um falar de si, mas uma operação que deixa ver os diferentes interlocutores pressupostos, e funciona como estratégia de negociação de sentidos, à medida que visa a um leitor que participe do mesmo mundo da alteridade. Funciona como dado relevante para que o interlocutor compreenda o processo de construção do problema de pesquisa, a relação de envolvimento e distanciamento da pesquisadora com seu objeto de estudo. Uma relação que, segundo Elias (1998), mostra o sujeito atuante e comprometido pelas tensões a que está submetido, ao mesmo tempo permite o afastamento das opiniões padronizada e da coerção emocional dos fatos, a problematização com base no conhecimento científico já produzido.

Ao informar sobre as diferentes posições que ocupa, PF(Y) diz que seu ponto de vista não foi elaborado por alguém que ocupa uma posição fixa e limitada, mas por quem dialoga com diferentes sujeitos e instituições ligadas ao objeto de estudo: a alfabetização. PF(Y) assume o lugar como professora da rede pública estadual e de programa federal,



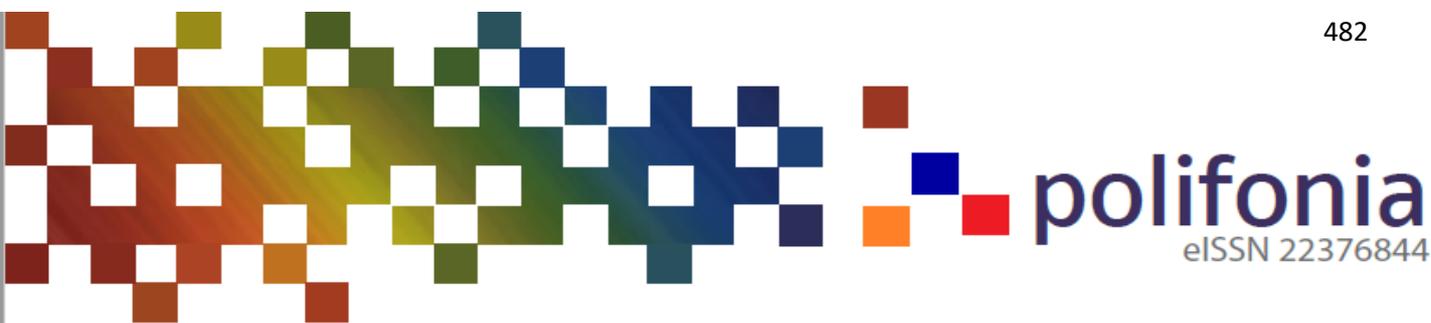
que seleciona e qualifica professores para trabalharem com o ensino da leitura e da escrita a alunos de várias idades, em diferentes realidades, ou seja, dialoga diretamente com a voz oficial das instituições responsáveis pela alfabetização e o desenvolvimento da autonomia de alunos como leitor e produtor de textos.

PF(Y) apresenta-se também como alguém envolvido com a atividade de pesquisa, portadora de título que atestam a experiência legitimada pela comunidade acadêmica. Anunciar a conclusão do mestrado representa dizer aprovação sobre o investimento do sujeito nos estudos de uma linha teórica, na apropriação de conceitos que permitem problematizar práticas de ensino de alfabetizadores. Some-se a esse lugar, na academia, a atuação como professora em instituição de ensino superior, local legitimado e legitimador da produção de saberes científicos. Ou seja, PF(Y) dialoga com representantes da voz da cultura acadêmica, dirige-se à banca avaliadora do trabalho, como pesquisadora, que elabora um problema, a partir de vários pontos de vista, da relação com variados discursos e as significações que cada um atribui ao analfabetismo.

Ao fazer a descrição dos lugares que ocupa, PF(Y) visa convencer os interlocutores de que é portador de uma visão múltipla construída pelas experiências vividas e que lhe permitem construir um excedente de visão (Bakhtin, 2003), ou seja, é capaz de deslocar-se do lugar que ocupa, enxergar a partir do ponto de vista do outro e retornar ao seu ponto de partida modificado, com uma compreensão alargada para construir seu dizer e alcançar seus destinatários de modo mais consistente e convincente. Na descrição da trajetória profissional e acadêmica, os verbos em primeira pessoa dão ênfase ao eu e assim desvelam o outro para mim ao mesmo tempo, expõem os modos de dizer do sujeito situado que dialoga com espaços e interlocutores diferentes, mas todos, em alguma medida, ligados à cultura científica.

b) recomendações aos leitores

A interação do pesquisador com seus outros aparece marcada por operações linguístico-discursivas que carregam o sentido de recomendações de leitura, orientações aos interlocutores sobre modos de proceder atividades de ensino. No recorte que segue,



encontramos operações a partir das quais PF(Y) se dirige a destinatários pontuais: os professores que estão em sala de aula de alfabetização.

Quadro 2 - Recortes da tese de PF(Y): recomendações

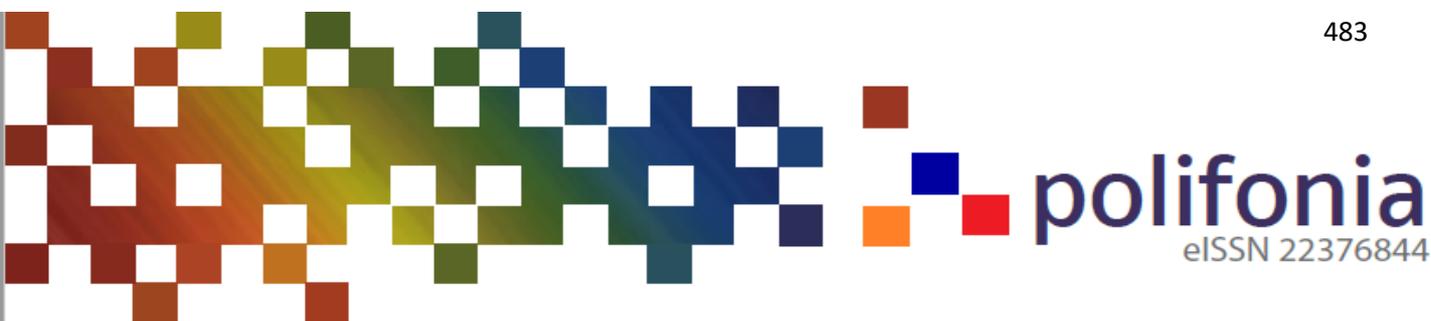
Recortes (2) – TESE DE PF(Y)
(...) recomendo aos professores alfabetizadores de EJA que desenvolvam estratégias didáticas a partir de contextos, como: uso da literatura infanto-juvenil, músicas, pesquisas em jornais, revistas e outros, a fim de que o aluno possa exercitar atividades de leitura e escrita em que duas ou mais letras concorrem na representação do mesmo som, e assim ampliem o domínio dos seus conhecimentos sobre a estrutura da língua escrita. (p.85)
Recomendo a leitura desta tese a todos os educadores que se interessem em estudar sobre a temática alfabetização e letramento de jovens, adultos e idosos e para aqueles que têm a curiosidade de conhecer possibilidades de alfabetizar letrando tal público. (p. 210)

Fonte: Elaborada pela autora

O recorte (2) mostra o texto endereçado a professores e aos interessados por questões relativas à alfabetização de jovens e adultos. O verbo **recomendar**, em primeira pessoa, instaura o tom enfático sobre a relevância da pesquisa realizada, o interlocutor é orientado, de forma objetiva, sobre quais atividades deve desenvolver na sala de aula. Essa recomendação segura mostra uma opinião fundada a partir da experiência de quem é pesquisador envolvido com a realidade de sala de aula e professor envolvido com a pesquisa científica.

É uma conversa que coloca em cena o alfabetizador como figura de destaque, ao mesmo tempo que faz ressoar o diálogo de PF(Y) com outras vozes como as Orientações Curriculares Nacionais e seus mecanismos de controle sobre o trabalho do professor; a Sociolinguística Educacional e a reflexão científica sobre variação linguística e social no ensino; a escola cuja função social é formar leitores autônomos. As recomendações são uma resposta a essas vozes sobre as dificuldades do professor e uma contribuição sobre como pensar e desenvolver a aula em turmas de alfabetização de adultos, sobre **possibilidades de alfabetizar letrando**.

Essa diversidade de interlocutores marcados indiciam a força e a influência do destinatário na construção dos enunciados, os modos de responder a partir da posição ocupada pelo locutor, da empatia, do deslocamento em direção ao outro a fim de ver o



mundo com os olhos desse outro. Após esse mergulho interpretativo, o sujeito retorna ao lugar de partida modificado pela compreensão axiológica que o outro carrega do mundo, uma modificação responsiva e responsável do locutor em relação ao interlocutor. Esse deslocamento estabelece o excedente de visão (BAKHTIN, 2003), a partir do qual o sujeito completa o horizonte do outro, cria para ele um ambiente concludente, sem com isso tirar desse outro a originalidade

O interlocutor impresso é pressuposto e todo deslocamento é parcial, nesse sentido contemplar diferentes leitores não equivale a elaborar um texto com sentidos transparentes, o anúncio das várias posições ocupadas por quem escreve uma tese não equivale sentidos coincidentes entre locutor e interlocutores, mas a busca por ajustes de sentidos a partir do excedente de visão, da vivência social e solidária do pesquisador.

c) ajustes de percepção

A tese de PF(X) é uma pesquisa que problematiza o ensino da escrita para graduandos. Neste caso, os interlocutores pressupostos estão diretamente ligados a instituições universitárias, há uma diferença menor dos horizontes dos interlocutores quando comparamos com a tese de PF(Y). Não se pode dizer, entretanto, que PF(X) e seus outros são coincidentes e os sentidos transparentes. Por mais próximos o pesquisador e seus interlocutores pareçam estar, há sempre algo que não é exposto, há compreensões inesperadas, sentidos refratados e pontos cegos, logo é preciso negociar.

Nos recortes da tese de PF(X), que seguem, exploramos as operações que mostram as negociações realizadas com a finalidade de ajustar os sentidos a partir do diálogo que o pesquisador estabelece com e entre vozes representantes das linhas teóricas que fundamentam a pesquisa, neste caso, a teoria de Benveniste e a Linguística Aplicada.

Quadro 3 - Recortes da tese de PF(X): ajustes de sentido

Recortes (3) – TESE DE PF(X)

Como lembra Junchem (2012, p. 115):

Se lembrarmos de que “nenhuma língua é separável de uma função cultural” (PLG II, p. 24), o outro – o alocutário- professor – assume a representação da cultura, da instituição social, do saber, da leitura e da avaliação, e por isso mesmo representa para o aluno um poder dizer, um poder mostrar-se de locutor através do texto escrito (...) (p.84)



Ono (2007) observa que o termo *frase* é substituído pelo termo *enunciação* no texto *A semiologia da língua* (1989).

(...)Benveniste não emprega mais a palavra frase, mas enunciado, e a enunciação reencontra seu sentido no ‘ato de produzir um enunciado’ no movimento mesmo que converte a língua em discurso.” (ONO, 2007, p. 74 - tradução nossa) (p.84)

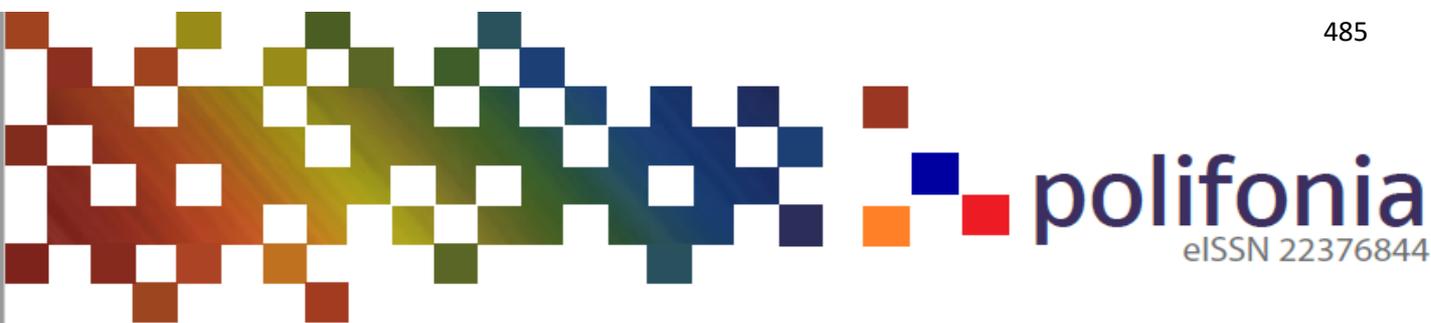
Assumindo a perspectiva de Ono (2007), podemos dizer que as *formas imaginadas do discurso* são aquelas que se valem da frase como ponto de apoio. (...) Nesse sentido, discordamos parcialmente de Juchem (2012, p. 115) quando afirma que o professor é o ‘alocutário principal’ do aluno e representa para o aluno, ‘a cultura, a instituição, o saber, a leitura, a avaliação’. Acreditamos que se o professor concentrar todas essas tarefas, o aluno produzirá um texto para o professor, um texto *parafraseado*. (p.85)

Fonte: Elaborada pela autora

Nos enunciados do quadro acima, as citações diretas fazem parte do ritual da escrita de uma tese. Ao citar, o pesquisador retoma as palavras do outro recortadas de um texto fonte e as utiliza para construir o próprio dizer, assim marca as negociações sobre os sentidos que defende e aqueles que contesta no que se refere à função do professor como avaliador da produção textual dos alunos.

O discurso direto é utilizado como uma estratégia de preservação íntegra das palavras do outro, que evita distorção de sentidos ao mesmo tempo que funciona como ponto de apoio, para que o pesquisador se posicione sobre os diálogos que quer continuar. As aspas fazem a margem entre a palavra do eu e do outro, representam a “procura da palavra precisamente não minha, mas de uma palavra maior que eu mesmo”. (BAKHTIN, 2003, p.385)

A primeira citação, de Juchem, trata sobre a relação professor-aluno, que perpassa a escrita dos estudantes; a segunda de Ono, explica o sentido do termo **frase** nos estudos de Benveniste. Após as citações, PF(X) expõe sua posição com o auxílio dos verbos **assumir** e **discordar**, que marcam o plano interacional com as vozes citadas, e sinalizam ao interlocutor como observar cientificamente os textos produzidos por estudantes, particularmente, os de graduação. A palavra alheia é utilizada para contextualizar e indicar a responsabilidade de PF(X) ao assumir a perspectiva de Ono e afastar-se, em parte, da ideia de Juchem. As informações são apresentadas como uma



resposta sobre a imagem que o PF(X) tem de seu interlocutor enquanto leitor especializado que observa e avalia as relações estabelecidas pelo enunciador.

As negociações para delimitar sentidos passam também por posicionamentos enfáticos, alertas sobre sentidos de práticas de ensino da escrita e sobre concepções de avaliação, que circulam ao longo de décadas e devem ter sua validade científica interrogadas.

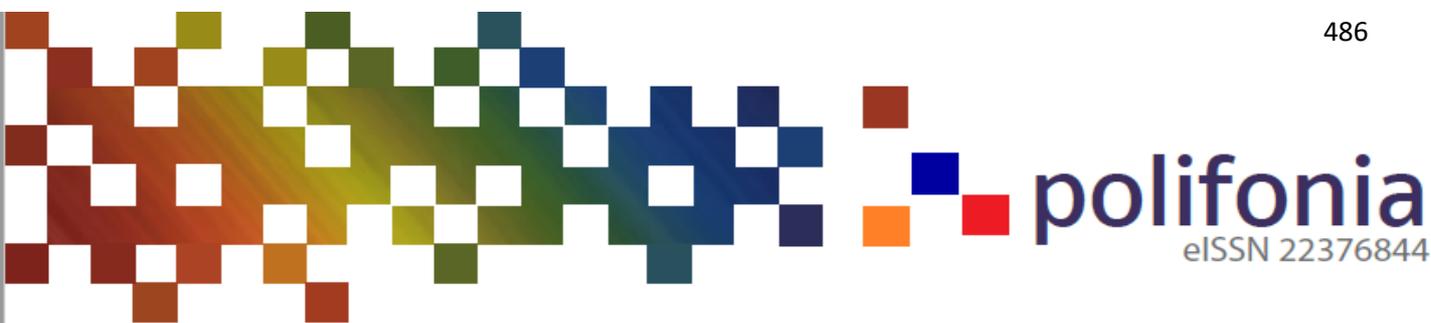
Quadro 4 - Recortes da tese de PF(X): ajustes de percepção

Recortes (4) – TESE DE PF(X)
Menegassi (1998) defende a correção pontual, focalizada e exaustiva, uma vez que se refere à realidade escolar da década de 90, na qual a reescrita não era uma realidade cotidiana. Esse é um fato histórico considerável, mas não se pode esquecer que, do ponto de vista psicolinguístico, a exaustividade não só não é necessária como pode desestimular a autonomia do aluno. (p.48)
Que fique registrado: práticas ‘promotoras’ têm um efeito efêmero e, por vezes, hiperbólico, contraditório: de um ‘pequeno’ problema faz-se um ‘grande’ discurso. A ‘pluralização’ de sinalizações no texto do aluno pode ter como efeito tal hipérbole. Este pontilhamento de traços cria um efeito de fragmentação, uma ‘impressão’ de trabalho bem realizado. (p.48)
Para a proposição de uma apropriação singular da escrita, nada melhor do que o professor demonstrar seus próprios processos de escrita e de outras pessoas e estimular os alunos a pensar livremente em suas apropriações. (p.93)

Fonte: Elaborada pela autora

No conjunto acima, PF(X) mostra a operação de ajuste de percepção a partir da palavra alheia parafraseada, da representação do discurso outro pelo filtro do locutor e sua vivência coletiva enquanto pesquisador e professor. A parafrase, enquanto esquema da enunciação do discurso outro, vem seguida de uma crítica sobre o que diz Menegassi a respeito do que deve ser privilegiado nas práticas avaliativas da escrita de alunos. A forma linguística **mas**, no trecho **mas não se pode esquecer**, marca a oposição entre o que diz Menegassi sobre a correção focalizada e exaustiva, e o sentido de que PF(X) defende sobre a ineficácia desse tipo de correção, cujo efeito compreende como efêmero e pode **desestimular a autonomia do aluno**.

Ao escrever: **Que fique registrado**, PF(X) realiza ajustes de percepção, a partir do que Authier-Revuz (2004) chama de senha de recepção atenta, pois o interlocutor é



chamado atenção não apenas a entender o que é dito pelo locutor, mas também porque o diz. Essa operação com verbo ficar, tem valor de imperativo, chama atenção direta do interlocutor, é uma operação que indicia a busca de transparência sobre sentidos improdutivos para o ensino da escrita. Sentidos dos quais PF(X) contesta na condição de professora e pesquisadora.

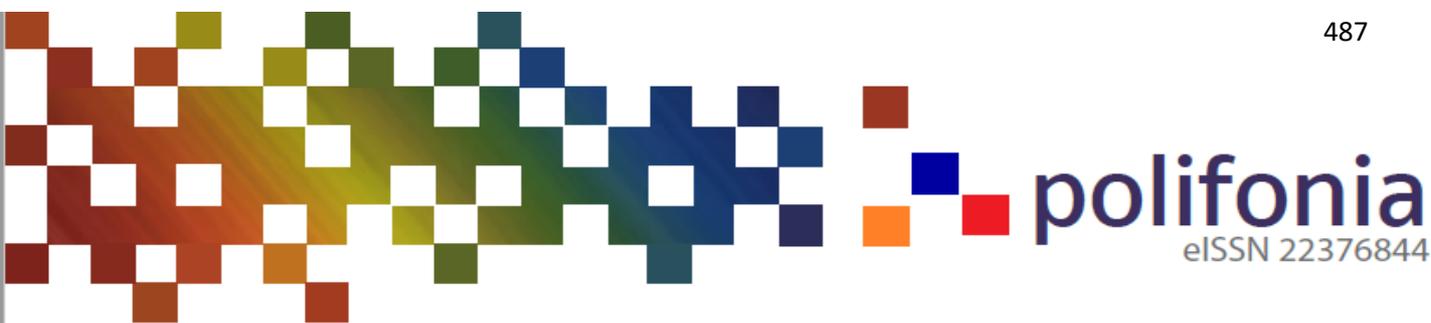
A operação de ajustes envolve discordâncias, alertas, mas também sentidos que devem circular por representarem práticas positivas que ajudam o aluno a alcançar autonomia, como pode ser observado, quando PF(X) escreve o que considera válido no ensino da escrita. No fragmento: **o professor demonstrar seus próprios processos de escrita e de outras pessoas e estimular os alunos a pensar livremente**, o locutor marca os sentidos que devem figurar como produtivos. A correção exaustiva, a imagem do professor que vigia e censura devem ceder o lugar à imagem do professor como leitor que contribui, escreve e assim tanto se aproxima dos estudantes como os incentiva a assumir posições autônomas como leitor e produtor de textos.

Os encaminhamentos de PF(X) não são apresentados como um simples reflexo de sentidos preexistentes mas como um sentido que refrata entre os já-ditos (BAKHTIN, 2003) uma voz que se define entre outras por sua compreensão e responsabilidade em retomar pontos de vista e posicionar-se em meio à pluralidade de sentidos que fazem parte da tradição social da cultura acadêmica da qual os interlocutores são participantes.

Outra estratégia de negociação presente na escrita acadêmica consiste na apresentação de perguntas dentro do texto, interrogações que mostram a características de uma conversa entre interlocutores presentes.

d) de perguntas que buscam respostas e perguntas acompanhadas de respostas

Uma pesquisa nasce de uma dúvida, um questionamento sobre fenômenos porque as explicações existentes ou conhecidas pelos pesquisadores não são suficientes para dar conta dos vários pontos de vista a partir dos quais pode-se observar um acontecimento. Escrever a narrativa de uma pesquisa envolve como diz Bakhtin (2003) a capacidade de conhecer e a de exprimir-se.



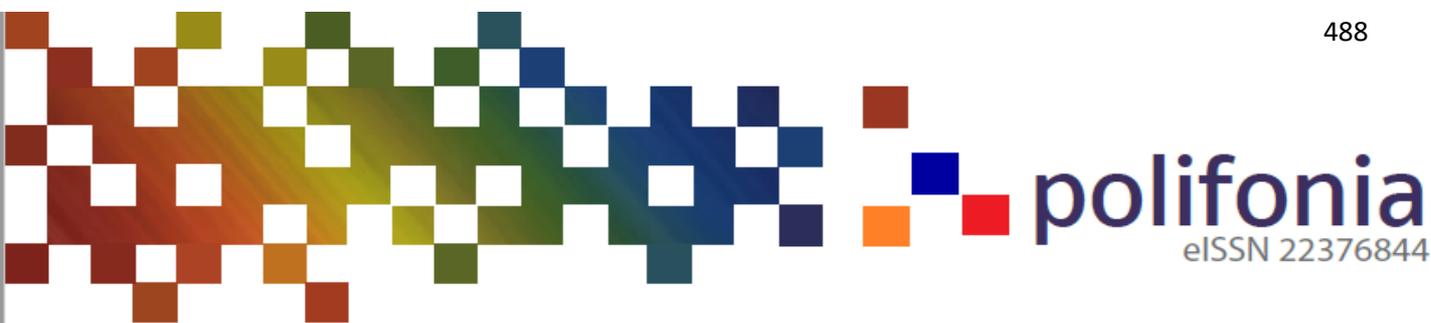
Os enunciados, que compõem o quadro a seguir, retirado da tese de PF(X), mostram elementos de expressão do pesquisador que elabora sua narrativa a partir de suas expectativas sobre o leitor, daquilo que o eu acredita ser o que o outro espera encontrar em uma escrita acadêmica, em uma tese. As operações aqui são as perguntas que funcionam como recurso fático para testar o canal, chamar atenção, confirmar sentidos, apresentar respostas, pedir respostas pontuais, levantar reflexões.

Quadro 5 - Recortes da tese de PF(X): perguntas e respostas

Recortes (5) – TESE DE PF(X)
Qual será nosso método de leitura? Segundo a especialista em Benveniste, Normand (1996), Benveniste se vale de uma forma de raciocínio por ‘movimentos de alternância de abertura e fechamento’, isto é, ‘abertura em análises de língua ‘intermináveis’ (no sentido em que elas são solicitação a perseguir); fechamento na ilusão de uma possível teoria global, ‘fantástica’, do sentido e da cultura, tomada numa antropologia.” (p. 131). Da mesma maneira, proporemos uma forma de leitura da ‘presença do homem na língua (p.112)
Seria possível encontrar práticas de escrita na escola que privilegiassem a individualidade do aluno? Dadas as condições sociais das salas de aula brasileiras, é de se esperar que exemplos sejam raros. Localizamos os seguintes: Luz (2009), Bazarim (2006) e Penteadó e Mesko (2006). (p.50)
Por fim, gostaríamos de elencar as possibilidades de pesquisa que podem ser abertas a partir deste trabalho: (...) 3) a clareza do bilhete orientador (Mangabeira, Costa e Simões, 2011) favorece a compreensão do aluno em nível linguístico e/ou em nível metalinguístico?; 4) como as políticas de produção acadêmica interferem em disciplinas de produção textual nas universidades brasileiras?; 5) a noção de <i>comunicação intersubjetiva</i> (Benveniste, 1988) pode ser desdobrada e definida(s) de que forma, considerando a trindade linguagem/ língua/ línguas (Flores, 2013) e a relação correlata comunitário/comunidade/comunidades (a ser desenvolvida na relação entre Benveniste, 1988, 1989 e Agamben, 2013)? (p.211-212)

Fonte: Elaborada pela autora

O primeiro recorte corresponde à pergunta sobre o método de leitura que PF(X) se propõe a seguir, um modo de compreender e aplicar a teoria de Benveniste, que fundamenta a pesquisa de PF(X). O referido autor, reconhecido na tradição acadêmica por instaurar um pensamento diferenciado sobre a enunciação, apagar as fronteiras entre língua e fala, defende a ideia de que “o homem está na língua” e explora essa concepção em sua obra. A compreensão sobre esse pensamento não é única, há vários modos de ler e dialogar com o que disse Benveniste, logo é essencial apresentar a compreensão de PF(X).

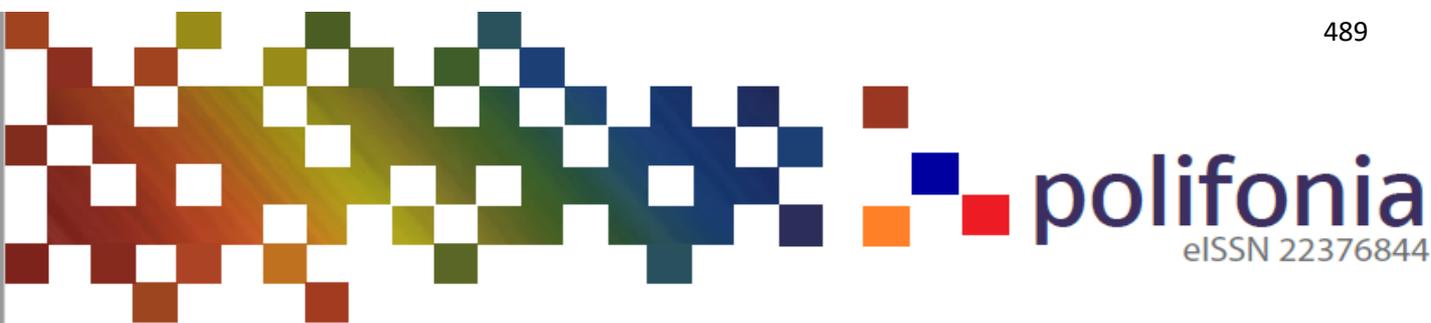


A operação que marca a cominho interpretativo de PF(X) é a elaboração de uma pergunta (**Qual será nosso método de leitura?**) seguida de resposta. A questão é respondida de modo comparativo. PF(X) diz ao interlocutor que seu ponto de vista converge com a leitura já reconhecida, cientificamente, de Normand. A proposição de entendimento sobre **‘a presença do homem na língua’** é uma negociação de sentidos a partir de já-ditos legitimados sobre os estudos de Benveniste. A leitura de Normand funciona como introdução e argumento da resposta de PF(X) ao interlocutor.

Esse tipo de negociação com o leitor, em que perguntas vêm acompanhadas de respostas é observado também quando PF(X) diz: **Seria possível encontrar práticas de escrita na escola que privilegiassem a individualidade do aluno?**. Essa questão é elaborada com base na observação do locutor, de seu ponto de vista sobre as vivências em sala de aula, os estudos a respeito da escrita de alunos, as práticas pedagógicas de ensino de língua. A resposta ao leitor é uma crítica ao modo como a escrita é tratada nas salas de aula, com **raros** trabalhos empenhados em privilegiar a **individualidade do aluno** são raros.

O jogo de perguntas e respostas, no segundo enunciado recortado, não consiste fazer coincidir seu modo de ler com a leitura realizada por vozes legitimadas na cultura acadêmica, mas em emitir uma opinião sobre as práticas de ensino da escrita e listar o que compreende como sendo os trabalhos que propõem práticas de ensino para o desenvolvimento da autonomia do aluno como produtor de texto.

Uma outra operação com perguntas que simulam uma conversa e refletem a influência do interlocutor e sua atitude responsiva antecipada (BAKHTIN, 2003) pode ser observada nas páginas finais da tese, quando PF(X) escreve: **Por fim, gostaríamos de elencar as possibilidades de pesquisa que podem ser abertas a partir deste trabalho**, e, logo depois, lança uma série de questões para as quais não tem resposta nem se empenha em responder. São dúvidas deixadas para futuros diálogos, sementes lançadas para possíveis pesquisas a serem desenvolvidas não especificamente pelo locutor que as lançou, mas por interlocutores que queiram continuar o diálogo sobre a relação entre língua e ensino.



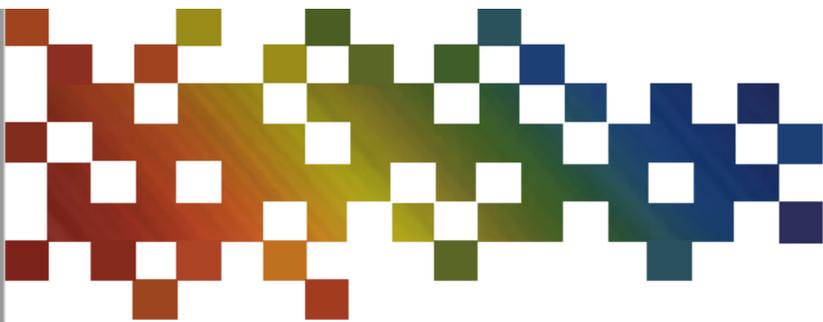
Perguntar sobre o que não sabe e deseja saber, interrogar sobre o já sabido como uma estratégia de testar o canal de comunicação da conversa simulada e terminar essa conversa com questões abertas, são jogadas que funcionam como convite para novos diálogos, que marcam alteridade do sujeito situado que enuncia levando em conta o outro e que busca ser o discurso outro em pesquisas científicas.

Considerações Finais

As reflexões que desenvolvemos, ao longo deste trabalho, sobre a escrita endereçada tiveram o interlocutor pressuposto como o outro presente e possível de ser desvelado a partir das negociações de sentido realizadas pelo pesquisador ao produzir um enunciado que circula na cultura acadêmica como tese de doutorado. Por meio de enunciados recortados de duas teses, procuramos apresentar operações linguístico-discursivas impressas na materialidade da escrita que fazem ecoar a voz do interlocutor pressuposto, uma possível de ser ouvida quando fazemos uma parada reflexiva para entender o sentido do pesquisador escrever sua trajetória acadêmica e profissional, fazer recomendações, buscar o ajustes de pontos de vista, direcionar perguntas seguidas de respostas ao leitor, deixar questionamentos para que o diálogo continue e seja eco de outros enunciados.

As teses de PF(X) e PF(Y) mostram que o sujeito considera as diferenças entre interlocutores e busca interagir com essa variedade, organiza seus enunciados em função daqueles a quem se dirige a fim de se fazer compreender, preocupa-se em equilibrar desequilíbrios interlocutivos, causados pelos diferentes níveis de conhecimento especializado que os leitores carregam. Na tese de PF(X), o alvo interlocutivo situa-se no campo acadêmico, são professores e pesquisadores do ensino superior; em PF(Y) alvo interlocutivo envolve: a academia, os programas de governo, o alfabetizador na Educação Básica.

As operações linguístico-discursivas imprimem graus de representação da alteridade entre o pesquisador e seus outros, são indícios dos interlocutores com os quais dialoga antes e durante a pesquisa, marcam o discurso orientado para os discursos dos outros que aguardam respostas. As negociações mostram que escrita de uma pesquisa é



ato responsivo e responsável do sujeito situado, que aprendeu as regras da cultura da qual participa e é capaz de cruzar fronteiras, alcançar interlocutores de outras esferas comunicativas, continuar os diálogos criativos, promotores de novos pontos de vista, neste caso, sobre o ensino produtivo de leitura e escrita em sala de aula.

Referências

AUROUX, Sylvain. *A questão sobre a origem das línguas seguido de A historicidade das ciências*. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline A não-coincidência interlocutiva e seus reflexos metaenunciativos. IN: AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. (2003) *Estética da criação verbal*. 4ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. Disponível em: <<https://netlli.wordpress.com/2011/09/08/obras-de-bakhtin-disponiveis-em-pdf-em-nosso-banco-de-dados>>. Acesso em: 04. junho.2016.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 25ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ELIAS, Norbet. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FRANÇA, Katia Cilene Ferreira. *A filiação teórica na escrita do pesquisador em formação: uma análise sobre a genealogia do dizer acadêmico pelas formas da língua*. 2018. 176f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo – São Paulo: Editora 34, 2017.